



A ilustre casa de Ramires

Eça de Queiroz

Contexto histórico: Portugal na segunda metade do século XIX

Para entender-se uma obra como *A ilustre Casa de Ramires*, é preciso conhecer as circunstâncias históricas da época em que foi escrito e em que seu autor viveu. E para melhor entender o contexto histórico do Portugal da segunda metade do século XIX, é mister conhecer um pouco de sua história.

O reino português surgiu do Condado Portucalense, território localizado entre os rios Minho e Tejo. No ano de 1143, com o reconhecimento de Leão e Castela, estabelece-se o Reino de Portugal, sob o cetro de Afonso Henriques de Borgonha, seu primeiro rei.

Portugal manteve-se como nação independente até perder sua autonomia política para a Espanha, em 1580. Foram sessenta anos de cativo, em que o povo português se uniu em torno do mito sebastianista — a crença no retorno de D. Sebastião, que resgataria a dignidade do país — e da saudade das grandezas do passado, conquistadas além-mar — e enfeixadas em *Os Lusíadas*, de Camões, transformado, nessa fase, em "Poema da Raça Portuguesa", em "Hino Nacional" da pátria lusa.

Nem mesmo com a Restauração, em 1640, e a independência e autonomia que ela significava, a nação pôde recuperar a grandeza e o brilho anteriores: Portugal havia perdido parte de seu império e as esperanças, agora, voltavam-se para o Brasil. Com a invasão das tropas napoleônicas, em 1808 a família real vem para o Brasil, e a metrópole se vê na humílima condição de "colônia da própria colônia", sob o comando de um inglês — Beresford. Essa situação dura até 1820, quando a Revolução do Porto convoca a Assembleia Constituinte e D. João VI volta ao país.

A Independência do Brasil agravaria a situação político-econômica do reino que, em 1823, vê um golpe militar reinstalar o absolutismo, dissolvendo o Parlamento e suspendendo a Constituição. Após um período de turbulências, em que o país passa pela guerra civil provocada pelos irmãos Miguel e Pedro, na briga pelo trono (1832-1834), e depois pela coroação de uma rainha de apenas 15 anos — D. Maria —, Portugal se acha empobrecido e atrasado em relação à Europa, agora já francamente engajada no processo de industrialização e economicamente próspera.

O período conhecido como Regeneração (1851-1910) traria alguma estabilidade e certo desenvolvimento. Desencadeado pelo golpe militar do marechal Saldanha, esse período implementou a adesão do país ao capitalismo, com o revezamento, no poder, de um partido político mais conservador — o Regenerador — com outros menos conservadores: o Histórico, o Reformista e o Progressista. Portugal assistiu, então, a uma certa prosperidade no meio rural, ao par do enriquecimento do comércio urbano e das finanças. Essas mudanças determinaram o crescimento da burguesia rural que, enriquecida, vai para a cidade em busca do progresso e dos melhoramentos e passa a valorizar a vida cultural e a educação de seus filhos. Além da Universidade de Coimbra, a nação contava agora com as Escolas Médicas de Lisboa e Porto, o Curso Superior de Letras de Lisboa e a Escola Politécnica. Aumenta o consumo de jornais e o romance conhece um período de verdadeiro desenvolvimento, impulsionado pelo interesse desse novo público leitor.

No entanto, a crise que o país atravessa ainda é grave e, embora tenha conhecido, no período, uma certa estabilidade, vê-a definhando, em face de suas dificuldades estruturais de Economia. E contempla uma Europa renovada no plano político, social, econômico e cultural. Não apenas contempla, mas se vê invadido pelas novas conquistas do velho mundo, já que uma juventude operosa e inteligente está atenta àquilo que lhes chega — em 1864 Coimbra se liga à rede europeia de caminho-de-ferro —, principalmente, de França.

O surgimento de uma evolução tecnológica e, por decorrência, cultural, tende a esvaziar os ideais românticos que prevaleceram por quase 40 anos.

Portugal assenta-se, incomodamente, numa situação que privilegia o processo oligárquico, com tendências conservadoras, o que impede a visão de novos horizontes sócio-político-culturais. É nesse ambiente que floresce a "Geração de 70", influenciada pelos modelos franceses buscados em autores como Balzac, Stendhal, Flaubert e Zola.

Os jovens acadêmicos portugueses absorvem as teorias emergentes, tais como o Determinismo de Taine, o Socialismo "utópico" de Proudhon, o Positivismo de Auguste Comte, além do Evolucionismo de Darwin, entre outras novidades no campo das Ciências e da Filosofia. A *Questão Coimbrã*, polêmica que marca o início do Realismo português, acontece nesse cenário. Em 1890, o país sofre a humilhação do *Ultimatum* inglês, que exigia que Portugal se retirasse das regiões da África nas quais a Inglaterra tinha interesse. Um navio de guerra da marinha inglesa esperava a resposta e o país se curvou, cedendo às ameaças inglesas.

A humilhação da soberania nacional provoca uma comoção nacionalista que se espalha pelo país. É nesse contexto que Eça de Queirós idealiza *A ilustre Casa de Ramires*, romance que recria simbólica e artisticamente o estado decadente de Portugal na época e a possibilidade de recuperação de sua grandeza histórica, através do resgate da tradição heróica do passado e da retomada do império colonialista.

Início do Realismo-Naturalismo: a "Questão Coimbrã"

Chama-se *Questão Coimbrã* à polêmica literária que opôs os jovens revolucionários realistas de Coimbra e os defensores da tradição romântica de Lisboa.

Em Lisboa, o veterano Antônio Feliciano de Castilho escreve um posfácio à obra *Poema da Mocidade*, de Pinheiro Chagas, seu discípulo das letras. Esse posfácio ataca violentamente o ideário da "Geração de 70".

Instaura-se, abertamente, a rivalidade. De Coimbra, Antero de Quental, jovem líder do grupo que se opõe a Castilho, contra-ataca com o opúsculo intitulado *Bom-Senso e Bom-Gosto*, em 1865, no qual assim se dirige ao velho Castilho:

"... eu hei de sempre ver uma péssima ação, digna de toda a importância dum castigo, nas impensadas e infelizes palavras de V. Exa., dignas quando muito dum sorriso de desdém e do esquecimento. E se eu nem sequer me daria ao incômodo de erguer a cabeça de cima do meu trabalho para escutar essas palavras, entendo que não perco o meu tempo, que sirvo a moral e a verdade, censurando, verberando a desonesta ação de V.Exa."

Estava deflagrada a *Questão Coimbrã*, que se tornou também conhecida como *Polêmica do Bom-Senso e Bom-Gosto* e foi responsável pela introdução do Realismo-Naturalismo em Portugal. Eça de Queirós não participou da polêmica, embora estudasse Direito em Coimbra.

Enfoque da realidade: o Realismo-Naturalismo

O Realismo-Naturalismo implica o distanciamento da postura subjetiva para o escritor, que se volta para a realidade exterior e não usa mais sua vida pessoal como ponto de partida para a criação da obra de arte. O interesse, agora, é pelo objeto externo, e não mais pelo sujeito.

Ocorre, assim, o aprofundamento da narrativa de costumes que já se cultivara no Romantismo e que se propõe, a partir daqui, a desnudar as mazelas da vida pública e os contrastes da vida íntima, buscando, para ambas, causas naturais ou culturais. É preciso compreender e explicar o mundo real por meio da razão e do conhecimento científico. É necessário o embasamento, o apoio de teorias que auxiliem essa explicação.

Várias foram as correntes científicas que serviram como estofa à obra de arte realista-naturalista. Entre elas, cabe destacar:

- O Determinismo de Taine, segundo o qual o Homem — e seu comportamento e, portanto, a Arte — está condicionado a três fatores: a herança (determinismo biológico ou hereditário); o meio (determinismo social ou mesológico) e o momento (determinismo histórico);
- O Positivismo de Auguste Comte, que defende a existência da razão e da ciência como fundamentais para a vida humana, pregando uma atitude voltada para o conhecimento positivo, concreto e objetivo da realidade;
- O Criticismo e o Anticlericalismo de Renan, que prega uma revisão do papel histórico da igreja católica, apontando-a como "mistificadora da verdadeira fé";
- O Socialismo "utópico" de Proudhon, que propõe a organização de pequenos produtores em associações de auxílio mútuo, calcado em ideias antiburguesas e anti-religiosas;
- O Evolucionismo de Darwin, que concebia o mundo como um processo de crescimento e de evolução e cuja repercussão provocou enorme revolução em outras ciências, inclusive as sociais.

Esse conjunto de ideias acabou por caracterizar a chamada "geração do materialista ou cientificista", assim designada pela semelhança entre as atitudes dos autores e dos cientistas.

O escritor, movido por sua preocupação com a objetividade, tende a compreender o homem — aqui, a personagem — como um "caso" que deve ser analisado à luz da ciência. A intensificação radical da abordagem científica na obra de arte acabaria por conduzir ao Naturalismo, que considera o homem como uma máquina dirigida por leis físicas e químicas, pela hereditariedade e pelo meio social, dirigindo seu interesse, principalmente, para temas da patologia humana e social.

As características comuns ao Realismo e ao Naturalismo podem ser assim esquematizadas:

- Objetividade: exame da realidade exterior ao indivíduo, realidade captada pelo artista sem o intermédio da imaginação e do sentimentalismo;
- Racionalismo: a inteligência é entendida como único meio para a compreensão da realidade objetiva;
- Universalismo, impessoalismo: busca da verdade universal, impessoal, captada pelos sentidos e pela inteligência, e só aceita quando passível de ser testada, examinada, experimentada;
- Arte compromissada, engajada: crítica, análise e denúncia da sociedade;
- preocupação e compromisso com a transformação social;
- Contemporaneísmo: arte voltada para o seu próprio tempo, para os problemas de sua época;
- Antiburguesismo, anticlericalismo, antitradicionalismo, antimonarquismo;
- Preocupação formal: busca de clareza, de equilíbrio, de concisão no estilo, enxuto e limpo;
- Lentidão da narrativa: descrições minuciosas, morosas, pormenorizadas das personagens, o que coloca o plano da ação e da narrativa em segundo lugar;
- Linguagem predominantemente denotativa, com privilégio da metonímia em detrimento da metáfora;
- Exaltação sensorial, linguagem sinestésica: só é verdadeiro o que pode ser captado sensorialmente.

Embora fossem contemporâneos e muitas vezes se tenham "interpenetrado", o Realismo e o Naturalismo apresentaram diferenças no enfoque dado ao tratamento dos assuntos e características próprias.

No Realismo, observa-se a "humanização" das personagens, agora "de carne e osso" e não mais divididas entre heróis incríveis e terríveis vilões. Entre outros, destacam-se os seguintes traços:

- Psicologismo: análise psicológica das personagens, esféricas, dinâmicas;
- "humanização" das personagens: a mulher, geralmente adúltera e pecaminosa; o homem, fraco e covarde;
- Enfoque da burguesia como classe social;

- Fotografia objetiva da realidade;
- Romance de "interpretação aberta", deixando ao leitor a tarefa de tirar suas próprias conclusões.

Já o Naturalismo promove, muitas vezes, a "zoomorfização" das personagens, degradadas à categoria de animais sem drama moral, movidos por instinto. Vale destacar as características a seguir:

- Abordagem científica da sociedade e dos atos humanos, com o privilégio dos aspectos doentios, patológicos, defeituosos e o afastamento do psicologismo e da profundidade realistas, a fim de examinar o plano científico e biológico;
- Personagens degradadas, párias da sociedade, vistas como "produto da raça e do meio", não raro sublevadas à categoria animal, agindo por instinto, num processo conhecido como *zoomorfização* das personagens, através de comparações entre o homem e o animal;
- Exame das classes inferiores, do proletariado, dos marginalizados;
- Enfoque dos aspectos torpes e degradantes da realidade;
- Romance de tese, experimental, calcado na experimentação científica, com preocupação social e política.

Na obra de Eça de Queirós, encontram-se elementos e características tanto da estética realista, quanto da naturalista; essa é a razão por que a crítica aplica, a ele, a denominação realista-naturalista. Cabe, no entanto, lembrar que o próprio Eça nunca fez diferenciação entre as duas denominações, empregando-as indistintamente.

Eça de Queirós: o grande prosador português

José Maria Eça de Queirós nasceu em Póvoa do Varzim, em 1845. Faleceu em Paris, no ano de 1900.

Viveu os anos de sua formação distante dos pais, que só se casaram quatro anos depois de seu nascimento, tendo deixado o filho, primeiramente, aos cuidados da ama que o recebera no mundo e, depois, com os avós paternos. Embora nunca se tenha pronunciado a respeito das circunstâncias de seu nascimento ilegítimo e do afastamento dos pais — com quem só moraria depois de formado, e por algum tempo —, alguns biógrafos supõem estarem essas entre as possíveis explicações para a constante crítica à hipocrisia e às convenções sociais que se podem observar em sua obra.

Estudou Direito em Coimbra e participou ativamente do processo de implantação do Realismo em Portugal, mesmo não tomando parte na Questão Coimbrã: integrou o *Grupo do Cenáculo*, liderado por Antero de Quental, e, durante as *Conferências Democráticas do Cassino Lisbonense*, proferiu a conferência "A Literatura Nova ou O Realismo como Nova Expressão da Arte". Foi, também, o autor do primeiro romance realista português, *O crime do padre Amaro*, de 1875.

Formado em 1866, aos 21 anos, Eça muda-se para a casa dos pais, disposto a iniciar a carreira literária e também a de advogado. Um ano depois, segue para Évora e lá dirige um jornal político. Em 1869, assiste à inauguração do canal de Suez e viaja pelo Oriente. Retorna a Portugal e passa um curto período em Leiria como administrador. Entra no serviço diplomático através de concurso e serve, sucessivamente, em Cuba, na Inglaterra e, a partir de 1887, em Paris, o centro da intelectualidade da época. Só foi reconhecido como filho legítimo aos 40 anos, pouco antes de casar-se, aos 41, com Emília de Castro Pamplona.

Um dos maiores prosadores da língua portuguesa, Eça de Queirós cultivou o romance, o conto, o jornalismo, a literatura de viagem e a hagiografia, tendo-se realizado notavelmente nos dois primeiros gêneros.

Dedicou-se com afinco à arte da palavra, sempre e obsessivamente em busca de uma perfeição que o içaria à condição de um dos maiores estilos da língua. Sobre a arte afirmou, em 1886:

"A Arte oferece-nos a única possibilidade de realizar o mais legítimo desejo da vida — que é ser não apagada de todo pela morte. A Arte é tudo porque só ela tem a duração — e tudo o resto é nada!"

O estilo de Eça de Queirós é marcado pela naturalidade, pela fluência e precisão, pela oralidade antideclamatória e por uma ironia sutil, o que faz resultar a criação de uma nova linguagem literária, inusitada e vigorosa. Ao longo da evolução de sua obra, evidenciam-se três fases.

A primeira é a fase de iniciação literária, em que se observam ainda resíduos do Romantismo, como o clima fantasioso e a linguagem lírica, doce, suave. Pertencem a ela o romance *O Mistério da Estrada de Sintra*, escrito em colaboração com Ramalho Ortigão e *Prosas bárbaras*. Nota-se nesse período a forte influência do romântico francês Victor Hugo.

A segunda fase apresenta os três "romances de tese" de Eça: *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio* e *Os Maias*. É a fase da crítica social e da adesão às ideias realistas, em que o autor, comprometido com a realidade do seu tempo, propõe-se a uma arte transformadora da sociedade, engajada no combate às instituições da época, como a burguesia, a monarquia, o clero, numa postura iconoclasta e irreverente.

Nesta fase, Eça se propõe, conforme revela em carta a Teófilo Braga, a "pintar a sociedade portuguesa, tal qual a fez o Constitucionalismo desde 1830, e mostrar-lhe, como num espelho, que triste país eles formam — eles e elas."

A terceira fase corresponde à maturidade intelectual de Eça e apresenta obras de caráter construtivo, permitindo evidenciar-se uma concepção de vida mais ampla e humanitária; trata-se de um período otimista, de esperança, marcado pelo idealismo espiritualista e pelo culto dos valores da alma e da fé. São representativos desta fase os romances *A Ilustre Casa de Ramires* e *A Cidade e as Serras*.

Além das citadas, vale lembrar, ainda, as seguintes obras de Eça de Queirós:

- Romance: *O mandarim*; *A relíquia*; *A capital*; *A correspondência de Fradique Mendes*, *O Conde de Abranhos*, *Alves e Cia*.
- conto: *Contos*, destaque para os contos: "Civilização"; "Suave Milagre"; "O Defunto"; "José Matias"; "Perfeição"; "Singularidades de uma Rapariga Loura".

A ilustre Casa de Ramires: romance de realismo psicológico

A ilustre Casa de Ramires é um romance realista da terceira fase de Eça de Queiroz, a qual representa sua maturidade intelectual, o apogeu de seu estilo como escritor. Aqui, a crítica corrosiva e a ironia cáustica que haviam marcado a segunda etapa de sua produção — fase de adesão ao Realismo-Naturalismo — cedem lugar a uma postura de maior esperança nos valores humanos e abrem espaço para a meditação filosófica, para um certo otimismo.

A obra estrutura-se como um romance de realismo psicológico: a personagem central, Gonçalo Mendes Ramires, é construída cuidadosamente ao longo do romance pelo narrador onisciente de terceira pessoa, revelando-se como uma personalidade complexa e contraditória. É o último descendente da mais antiga família fidalga de Portugal, cuja origem remonta a 967 —antes da independência do reino em 1143, portanto. Não pode, no entanto, viver de acordo com sua fidalguia: é o último quartel do século XX, e a Casa de Ramires está decadente, sua renda é insuficiente para mantê-lo dignamente. Restam apenas a velha e milenar Torre de Santa Ireneia e o solar em que Gonçalo vive com dois velhos e fiéis criados:

"Gonçalo Mendes Ramires (como confessava esse severo genealogista, o morgado de Cidadelhe) era certamente o mais genuíno e antigo fidalgo de Portugal. Raras famílias, mesmo coevas, poderiam traçar a sua ascendência, por linha varonil e sempre pura, até aos vagos Senhores que entre Douro e Minho mantinham castelo e terra murada, quando os barões francos desceram, com pendão e caldeira, na hoste do Borguinhão. E os Ramires entroncavam limpidamente a sua Casa, por linha pura e sempre varonil, no filho do Conde Nuno Mendes, [...]"

Mais antigo na Espanha que o Condado Portucalense, rijamente, como ele, crescera e se afamara o solar de Santa Ireneia — resistente como ele às fortunas e aos tempos. [...]"

Gonçalo é bacharel em Direito por Coimbra, mas não exerce a profissão. Escrevera, nos tempos de faculdade, uma novela histórica, intitulada *D. Guiomar*, tendo sido chamado pelo colega José Lúcio

Castanheiro de “o nosso Walter Scott”. Chega, na época, a falar em escrever um romance em dois volumes sobre seu antepassado Tructesindo Mendes Ramires.

Um ano depois, reencontra o antigo companheiro, Castanheiro, e promete-lhe transformar o antigo projeto do romance em uma novela de cunho patriótico, enfocando esse seu mesmo antepassado, Tructesindo Ramires:

“[...] E depois feito por você próprio, Ramires, que chique! Caramba, que chique! É um fidalgo, o maior fidalgo de Portugal, que, para mostrar a heroicidade da Pátria, abre simplesmente, sem sair do seu solar, os arquivos da sua Casa, velha de mais de mil anos. É de rachar!... E você não precisa fazer um grosso romance... [...] Basta um conto de vinte ou trinta páginas...”

Para elaborar a novela, Gonçalo resolve inspirar-se no poemeto épico “Castelo de Santa Ireneia”, escrito pelo tio Duarte, irmão de sua mãe. Começa o trabalho, mas tem de interrompê-lo devido à confusão criada por um antigo caseiro bêbado, o Relho, de quem ele foge covardemente, escondendo-se no quarto, que tranca a chave. Delineia-se, já aí, um dos traços contraditórios de sua personalidade: Gonçalo admira e valoriza seus antepassados heróicos, mas não consegue imitá-los.

A partir desse ponto, têm-se dois enredos superpostos: o do romance propriamente dito, *A ilustre Casa de Ramires*, a história de Gonçalo — e o de uma novela histórica — *A Torre de D. Ramires*. O protagonista do romance, Gonçalo, é o autor da novela, que tem como personagem central seu avoengo Tructesindo Ramires.

As duas histórias centrais — a de Gonçalo e a de Tructesindo — caminham alternadamente, fazendo sobrelevar-se o contraste entre a fraqueza e covardia atual de Gonçalo e os atos heróicos de seus antepassados. E é nesses atos, ao escrever a novela, que ele encontra inspiração e força para vencer seu estado de letargia e lutar:

“Rematou logo o capítulo. Estava esfalfado, à banca do trabalho desde as nove horas, a reviver intensamente, e em jejum, as energias magníficas dos seus fortes avós! [...] E sentia nele realmente toda a alma de um Ramires, como eles eram no século XII, de sublime lealdade, mais presos à sua palavra que um santo ao seu voto, e alegremente desbaratando, para o manter, bens, contentamento e vida!”

Conhecido na região onde mora como o “Fidalgo da Torre”, Gonçalo tem como principais amigos três companheiros com quem costuma cear e conversar: João Gouveia, administrador do Conselho de Vila Clara, Antônio Vilalobos — o Titó — e Videirinha, um ajudante de farmácia que é também poeta e tocador de violão.

Durante uma ceia com os amigos, o fidalgo, como sempre, discute com João Gouveia por causa de André Cavaleiro, governador civil do distrito de Oliveira: embora não assuma o verdadeiro motivo de seu ódio, Gonçalo detesta-o por razões pessoais, pois Cavaleiro, seu amigo de infância, tinha namorado e abandonado sua irmã Gracinha.

No dia seguinte, Gonçalo dedica-se à escritura de sua novela: o período focado por ela remonta à época do rei D. Sancho I que, ao morrer, deixou um testamento que provocaria disputas e brigas entre seus filhos, D. Afonso II e as infantas D. Teresa e D. Sancha. Tructesindo Ramires, alferes-mor e leal ao rei, prometera-lhe amparar e defender a mais amada das filhas, D. Sancha, e passa a ter sérios problemas com o novo rei, Afonso II, filho de D. Sancho I:

“[...] Mas eis que rompe a fera contenda entre Afonso II, asperamente cioso de sua autoridade de rei — e as infantas, orgulhosas [...]”

O primeiro capítulo da novela termina com Tructesindo ordenando a seu filho Lourenço que prepare uma expedição para proteger as infantas e salvá-las. Gonçalo volta a esse capítulo e escreve a passagem em que seu avoengo se recusa a aceitar aliança com D. Afonso II por causa da promessa que fizera a D. Sancho I em seu leito de morte. Apesar do exemplo de seu antepassado, ele mesmo, pouco depois, falta com a palavra que dera a José Casco, um camponês a quem prometera arrendar as terras deixadas pelo Relho: prefere passá-las por mais dinheiro a Manuel Pereira.

Em visita à irmã e ao cunhado, em Oliveira, Gonçalo vê Cavaleiro em frente à casa dos dois e fica furioso. Logo depois, o tabelião da cidade conta-lhe uma história vergonhosa sobre o governador, que havia

provocado a transferência do pagador de obras públicas para o Alentejo só porque este o impedira de cortejar sua irmã. Gonçalo, então, usando o pseudônimo de Juvenal, redige um artigo denunciando o caso e deixa-o para ser publicado, voltando para casa antes de o jornal sair.

Na volta, Gonçalo foge covardemente de um valentão de suíças loiras que o provoca e agride gratuitamente. Ao chegar, encontra uma carta do Castanheiro a qual o estimula a voltar à novela. Escreve, então, o segundo capítulo.

Nesse segundo capítulo, aparece Lopo de Baião, o Bastardo que, por ser loiro e belo, é chamado de “Claro Sol”. Pertencente a uma raça inimiga dos Ramires, ele se apaixona por D. Violante, filha de Tructesindo e tem seu amor correspondido por ela, mas este lhe nega a mão da moça. Ao tentar, inutilmente, raptar Violante, Lopo de Baião transforma-se no pior inimigo dos Ramires. E ainda luta ao lado de D. Afonso II em sua briga com as irmãs, lado oposto ao de Tructesindo.

O segundo capítulo da novela narra a bravura de Lourenço Mendes Ramires que, para defender as infantas, não titubeou em enfrentar a tropa de Lopo de Baião, sendo preso por este.

Embora tivesse relatado a honra e valentia de seus antepassados na novela, Gonçalo foge do Casco quando o vê chegar armado de um cajado, reclamando justiça, e ainda mente, ao seu criado Bento, que tivera de enfrentar a fúria do lavrador. Resolve, covardemente, pedir a ajuda de seu amigo João Gouveia para o caso, e fica sabendo que Sanches Lucena — sexagenário casado com a belíssima porém vulgar D. Ana Lucena e deputado de seu distrito — morrerá.

Gonçalo, anteriormente, ambicionava uma vaga de deputado, mas seu partido político encontrava-se na oposição; além disso, a cadeira de deputado já estava ocupada por Sanches Lucena. Recebe a sugestão de João Gouveia para que assuma o cargo e, embora a ideia lhe agrade muito — pois resolveria seus graves problemas econômicos —, entra em crise: para tanto, teria que mudar de partido e — o pior — reatar com André Cavaleiro, seu inimigo:

“— Ó Gonçalo, oiça lá... Você agora tinha uma ocasião soberba! Você, se quisesse, dentro de poucos dias, estava deputado por Vila Clara!

[...]

— Escute, homem! Você quer entrar na política? Quer. Então, pelos Históricos ou Regeneradores, pouco importa. Ambos são constitucionais, ambos são cristãos... A questão é entrar, é furar. Ora você, agora, inesperadamente, encontra uma porta aberta. O que o pode embaraçar? As suas inimizades particulares com o Cavaleiro? Tolices!”

Acaba aceitando os conselhos do amigo João Gouveia e candidatando-se à vaga para deputado. Para espanto de todos, reconcilia-se com André Cavaleiro, e este passa a frequentar a casa de Gracinha, agora casada com José Barrolo:

“Agarrara o chapéu, acenando ao cunhado. Então Barrolo, com as bochechas a estalar de gosto, balbuciou o convite que firmaria a reconciliação dum modo sociável e elegante:

— Cavaleiro, para conversarmos melhor, se você nos quiser dar o gosto de vir jantar... Quinta-feira, às seis e meia... Nós, quando está cá o Gonçalo, jantamos sempre mais tarde.

O Cavaleiro, que corara, agradeceu com discreta cerimônia:

— É para mim um imenso prazer, uma imensa honra...”

Gonçalo encontra novamente o valentão e foge mais uma vez. Com o pretexto de visitar o túmulo de seus antepassados, encontra-se com D. Ana Lucena e passa a cortejá-la, apesar de sua origem duvidosa como “filha de um carniceiro e irmã de um assassino”: afinal, ela herdara 200.000 réis do marido.

Castanheiro escreve-lhe cobrando a novela e ameaçando não publicá-la mais, e Gonçalo retoma sua elaboração no capítulo III.

Relata que Lopo de Baião, tendo Lourenço em seu poder, oferece a Tructesindo a vida do filho em troca da mão de Violante. O velho fidalgo rejeita a proposta novamente e vê o filho ser morto diante dele. O capítulo termina com os Ramires arquitetando uma cruelíssima vingança contra o Bastardo.

Gonçalo vai à cidade para mostrar sua obra à irmã e não a encontra. Procura-a no jardim e escuta a troca de palavras de amor entre ela e o Cavaleiro. Desesperado, julgando-se culpado — pois reaproximara os dois e até induzira a irmã a “decolar-se” e embelezar-se para receber o governador para jantar —, Gonçalo volta para a Torre e se põe a redigir o começo do capítulo IV de sua novela, após enviar os três primeiros para Castanheiro.

Tentando livrar-se e à irmã do perigo representado pela proximidade com André, Gonçalo pensa seriamente em casar-se com D. Ana Lucena, já que isso lhe resolveria os problemas de dinheiro. Mas seu amigo Titó o adverte de que ela já teve, pelo menos, um amante, deixando no ar a possibilidade de que tenha sido este o próprio Titó:

“— Ó Gonçalo, tu ficaste amuado... É tolice! E entre nós não quero sombras. Então lá vai! Tu não podes casar com essa mulher, porque ela teve um amante. Não sei se antes ou depois desse teve outro. Não há criatura mais manhosa, nem mais disfarçada. Não me venhas agora com perguntas. Mas fica certo que ela teve um amante. Sou eu que to afirmo; e tu sabes que eu nunca minto!”

Gonçalo passa a angustiar-se com sua covardia, com a “coisa” que o impede de reagir quando ofendido ou agredido e o leva ao fracasso. Sonha com seus antepassados oferecendo-lhe as armas da família, e pergunta-lhe, no sonho, o que deve fazer para modificar-se e ser um autêntico Ramires.

No dia seguinte, sai a cavalo, levando um chicote antigo, achado por seu criado bento, e encontra novamente o valentão das suíças loiras. É tomado por uma raiva irrefreável e bate no valentão, arrancando-lhe a orelha com o chicote; ainda machuca outro rapaz que tentara alvejá-lo e obriga o pai deste rapaz a marchar pelo caminho, ameaçando-o com o chicote.

Volta para casa, sentindo-se bem e tomado por imensa satisfação consigo mesmo. Lá encontra a irmã e o cunhado, e faz questão de contar-lhes com todos os detalhes o ocorrido. Barrolo chama-o à parte e mostra-lhe uma carta anônima que recebera, com certeza enviada pelas irmãs Lousada, as fofoqueiras da cidade. Gonçalo, que já recebera uma carta delas, falando sobre o mesmo caso — na carta a Barrolo, elas também se referem a Gracinha e André —, tranquiliza o cunhado e depois mostra a carta à irmã, às escondidas, para que ela perceba a situação e passe a agir com mais pudor.

Gonçalo passa um tempo como verdadeiro herói: Castanheiro telegrafa-lhe, exaltando as qualidades dos capítulos já enviados, e chegam vários telegramas e mensagens de congratulações, elogiando-lhe a coragem e a valentia, referidas, também, em alguns artigos de jornais de Lisboa. Resolve afastar-se definitivamente de D. Ana Lucena e termina de escrever a novela.

Os Ramires perseguem Lopo de Baião e o capturam, realizando uma vingança crudelíssima e impiedosa: matam-no, pendurando-o em um mastro à beira de um rio cheio de sanguessugas, que lhe chupam lentamente o sangue à vista dos guerreiros, que comem, enquanto assistem ao macabro espetáculo. A novela faz retumbante sucesso.

Gonçalo impede a prisão do valentão das suíças loiras sob a alegação de que não suporta vinganças. Recebe do rei a homenagem do título de Marquês de Treixedo e recusa-a, quando Cavaleiro vem comunicá-la, na frente de Gracinha e do marido, dizendo-lhe, sarcasticamente, que sua fidalguia é superior ao próprio rei de Portugal:

“— Perdão, Andrezinho. Ainda não havia reis em Portugal, nem sequer Portugal, e já meus avós Ramires tinham solas em Treixedo! Eu aprovo os grandes dons entre os grandes fidalgos; mas cumpre aos mais antigos começarem. El-rei tem uma quinta ao pé de Beja, creio eu, o Roncão. Pois diz tu a el-rei que eu tenho imenso gosto em o fazer, a ele, Marquês do Roncão.

O Barrolo embasbacara, sem compreender, com as bochechas descaídas e murchas. Da beira do canapé, Gracinha, toda corada, faiscava de gosto, por aquele lindo orgulho que tão bem condizia com o seu, mais lhe infundia a alam com a alma do irmão amado. E André Cavaleiro, furioso, mas vergando os ombros com irônica submissão, apenas murmurou: — ‘Bem, perfeitamente!... Cada um se entende a seu modo...’

O escudeiro entrava com a bandeja do chá.”

No domingo seguinte, acontece a eleição e Gonçalo é eleito deputado. Vai para Lisboa e destaca-se muito mais na sociedade do que na vida política; inesperadamente, porém, parte para a África. Volta depois de quatro anos, rico e reconciliado com a grandeza de sua origem.

Na Torre, Gracinha, o marido e os amigos o aguardam e, através da carta de uma prima, Maria Noronha — a mesma que tentara aproximar Gonçalo de D. Ana Lucena —, ficam sabendo de sua chegada vitoriosa a Lisboa e de seu namoro com Rosa, também de linhagem nobre. João Gouveia compara-o, na complexidade de sua personalidade, a Portugal. Estava dado o “recado” do português Eça de Queiroz a seu país: assim como Gonçalo — conduzido, ao longo da história, à condição de alegoria de Portugal —, deveria Portugal retomar os altos valores e as glórias de sua tradição e também seu império colonialista na África.

As personagens principais do romance

- **Gonçalo Mendes Ramires**, “o mais genuíno e antigo fidalgo de Portugal” (a origem de sua família remonta a 967, século X, anterior à independência de Portugal), último descendente da ilustre família, protagonista do livro e personagem central da trama principal; seu retrato é construído minuciosamente ao longo da narrativa, sendo o foco predileto do narrador onisciente; apresentado ao leitor através de fragmentos descritivos que compõem uma imagem física dinâmica e expressiva:
 - aproxima-se dos 30 anos; tem o porte esbelto e elegante, o corpo ágil; o semblante é suave, jovem, os olhos finos e risonhos; “louro, duma brancura são de porcelana”, com um prenúncio de calva na cabeça de cabelos anelados; bigodes finos e uma pequena e delgada barba a emoldurar lábios sensuais; temperamento irrequieto;
 - a contradição é o traço mais marcante de sua personalidade complexa, caracterizada amplamente por meio do discurso indireto livre, através de um realismo psicológico; assim, tanto os atos internos como os atos externos de Gonçalo são desnudados perante o leitor, revelando as antinomias da personagem:
 - é fidalgo, tem hábitos refinados, mas não dispõe de recursos para viver de acordo com essa condição;
 - sente-se superior por suas origens e qualidades, mas por outro lado se sente inferiorizado e decadente;
 - tem temperamento ao mesmo tempo sentimental e reflexivo, racional;
 - é extrovertido e introspectivo; doce e irascível;
 - é valente e covarde; cheio de escrúpulos e inescrupuloso; sincero e hipócrita, generoso e interesseiro;
 - é amoral e moralista: deixa-se corromper pela ambição, mas sente nojo de seus atos e procura regenerar-se segundo princípios éticos;
 - busca agir de maneira honrada, mas muitas vezes comporta-se de modo desonroso;
 - nos tempos de faculdade, escrevera a novela *D. Guiomar* para a revista do Castanheiro, em “estilo másculo, terso, de boa cor arcaica”, mas sem ressaltar algo que fosse só legitimamente português; depois passa a escrever artigos sob o pseudônimo “Juvenal”, outrora usado pelo pai; finalmente, a pedido de Castanheiro, escreve a novela histórica *A Torre de D. Ramires*, sobre os feitos de seu antepassado Tructesindo Ramires.
 - sua individualidade de personagem esférica, dinâmica psicologicamente descaracteriza-se à medida que se transforma numa alegoria de Portugal, num arquétipo nacional português.
- **André Cavaleiro**, antagonista de Gonçalo: “filho de general, neto de desembargador, com brasão legítimo na sua casa apalaçada de Corinde, e terras fartas em redor, de boa sementeira, limpas de hipoteca”; governador civil do distrito de Oliveira, antigo namorado de Gracinha, egoísta, conquistador, frívolo, usa de suas condições (a política e a social) para realizar suas conquistas; tem pouco mais de 30 anos, “ombros fortes de Hércules bem educado”, “ondeada cabeleira romântica” e é rico proprietário rural; corrompe Gonçalo e força a

reconciliação da amizade entre os dois, oferecendo-lhe a vaga para deputado após a morte do antigo titular;

- **Maria da Graça Ramires, a Gracinha**, irmã de Gonçalo: “pequenina e frágil, com uns olhos tímidos e esverdeados que o sorriso umedecia e enlanguescia, uma transparente pele de porcelana fina e cabelos magníficos”; frágil, sonhadora, sentimental, leitora de romances românticos, lembra a fragilidade de Luísa, de *O primo Basílio*; casa-se com José Barrolo, homem simples e imensamente rico, após ter sido abandonada por Cavaleiro, por quem se apaixonara aos 16 anos e com quem tivera um quase noivado; ao encontrá-lo novamente, sucumbe à antiga paixão;
- **José Barrolo**, marido de Gracinha, apelidado de Bacoco (tolo, simples): “senhor de uma das mais ricas casas de Amarante”, gordo, bonachão, cabelos ruivos e crespos; simplório e ingênuo, não tem malícia em relação ao que se passa à sua volta (o adultério de sua mulher, por exemplo); sua figura cômica e um pouco ridícula pende para a caricatura;
- **Ana Lucena**, viúva de Sanches Lucena, rica e bela, por quem Gonçalo se interessa; “filha de um carniceiro e irmã de um assassino”, é considerada honesta e séria, além de ter um dote de 200.000 réis, mas Titó, amigo de Gonçalo, afirma que ela teve um amante (talvez o próprio Titó) e estraga os planos do Fidalgo da Torre;
- **Maria Noronha**, prima de Gonçalo, que tenta aproximá-lo de D. Ana Lucena;
- **José Lúcio Castanheiro**, colega de faculdade de Gonçalo, obcecado pelo resgate das tradições e das glórias portuguesas do passado e pela “ressurreição do sentimento português”, editor de uma revista patriótica para cuja estreia Gonçalo escreve a novela *A Torre de D. Ramires*;
- **João Gouveia**, administrador de Vila Clara, amigo de Gonçalo; conformista quanto ao sistema, acha que os Históricos e Regeneradores no fundo se equivalem;
- **Antônio Villalobos, o Titó**, amigo de Gonçalo, homenzarrão boêmio e ocioso, crítico e inconformista em relação à política, defende o colonialismo português na África;
- **Videirinha, o violeiro**, amigo de Gonçalo, autor do *Fado dos Ramires*, música através da qual louva os feitos dos antepassados de Gonçalo;
- Padre Soeiro, capelão e arquivista da Torre, também enaltecedor da nobreza;
- José Casco, lavrador que arrenda as terras de Gonçalo;
- Bento, criado de Gonçalo;
- Rosa, criada de Gonçalo.

As personagens principais da novela histórica *A Torre de D. Ramires*, escrita por Gonçalo Mendes Ramires:

- **Tructesindo Ramires**, o “enorme senhor de Santa Ireneia”, antepassado de Gonçalo, seu “avoengo”; alferes-mor de D. Sancho I (rei de Portugal, filho de D. Afonso Henriques); homem forte, corajoso, valente, imbatível e fiel às suas convicções e à sua palavra, não hesita em perder o filho Lourenço, para não ver sua honra manchada ou sua palavra conspurcada; vai à caça de Lopo de Baião, o Bastardo, para vingar, de maneira crudelíssima, a morte do filho; é personagem plana, como as outras da novela histórica;

- **Lopo de Baião, o Bastardo**, considerado inimigo de Tructesindo e apaixonado por D. Violante, filha deste, no que é correspondido; deseja casar-se com ela e pôr fim aos “homizios e brigas feias que malbaratam sangue de bons cristãos”; “face de *Claro Sol*, onde as barbas aneladas, caindo nas solhas do arnês, rebrilhavam como ouro novo”; mata Lourenço Ramires e é sacrificado por Tructesindo;
 - **Lourenço Ramires**, filho de Tructesindo, que se deixa assassinar por Lopo de Baião em nome da honra e da posição assumida pelo pai.
-

O foco narrativo

O entrelaçamento dos dois enredos determina a complexidade da estrutura narrativa da obra, promovendo a ruptura de sua linearidade. Trata-se, na verdade, de quatro narrativas, pois, além das duas principais, há ainda o poemeto épico do tio Duarte — em que Gonçalo se baseia para escrever sua novela — e o *Fado dos Ramires*, do amigo Videirinha, em parceria com o padre Soeiro. Com exceção do narrador do romance, que é onisciente, todos os outros se caracterizam como narradores observadores.

O tempo

O tratamento dado ao tempo, na narrativa, corresponde também à ruptura de linearidade promovida pelo entrelaçamento dos dois enredos. Desta forma, há o tempo do enredo do romance — a história de Gonçalo —, que representa o presente, o aspecto contemporâneo da narração — no caso, os decadentes e estagnados anos oitocentos de Portugal —, e o tempo do enredo da novela histórica — o passado, representado pela Idade Média e remontando aos primórdios de Portugal, um tempo glorioso, marcado pela valentia e pela honra dos primeiros fidalgos portugueses, os antepassados de Gonçalo Mendes Ramires.

O espaço

O espaço referente ao desenvolvimento do enredo do romance — a história de Gonçalo —, situa-se principalmente na aldeia de Santa Ireneia — onde fica a Torre —, nas proximidades da Vila de Santa Clara, que é vizinha da cidade de Oliveira, ao norte de Portugal. Algumas cenas se passam em Lisboa, que representa a agitação e a vida faustosa, em oposição à aldeia. Apresenta-se, ainda, a África, lugar onde Gonçalo realiza, finalmente, seus sonhos de enriquecimento e grandeza. A velha Torre de Santa Ireneia representa o principal cenário da novela histórica.
